

Herança colonial e modernização: análise comparada das propostas de José Inácio Roquette, Joaquim Nabuco e Couto de Magalhães

José Fernando Rodrigues de Souza

Mestre em Sociologia - UCAM/IUPERJ

Doutorando em Ciências Sociais - IUPERJ

Professor do Curso Normal Superior e Arquitetura - ISECENSA

Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Domínios da Arte - ISECENSA

Resumo

Ao longo do século XIX muitos foram os questionamentos sobre o futuro, a tipologia de modernização que o Brasil deveria seguir. Vindo de uma tradição colonial aristocrática e escravista, como participar do mundo positivista pautado pela idéia de progresso? Três autores apresentaram propostas em que há pontos de simetria e assimetria. São eles: José Inácio Roquette, Joaquim Nabuco e Couto de Magalhães. Apresentaram diferentes caminhos e narrativas para um Brasil que precisava encontrar sua identidade. Este artigo busca elucidar suas propostas sobre nossa modernidade, a construção de nossa identidade, bem como analisar a estrutura de suas narrativas: o significado do diário de Couto de Magalhães, de um livro de etiquetas em J.I. Roquette e uma autobiografia em Joaquim Nabuco.

Correspondência:

Rua Salvador Correa, 139 - Centro
28035-310 - Campos dos Goytacazes - RJ
Telefone: +55 (22) 2726.2727
Fax: +55 (22) 2726.2720
www.isecensa.edu.br
e-mail: isecensa@isecensa.edu.br

Palavras-chave

Roquette, Joaquim Nabuco, Couto de Magalhães, modernização e narrativa

Modernization and Colonial Heritage: a comparative analysis of José Inácio Roquette, Joaquim Nabuco and Couto de Magalhães 's purposes

José Fernando Rodrigues de Souza

Master in Sociology - UCAM/IUPERJ

Studying for a doctor's degree in Social Sciences - IUPERJ

Professor in the course "Normal Superior" and Architecture at ISECENSA

Coordinator of the Post Graduation Program in Art and Culture - ISECENSA

Abstract

Throughout the century XIX there were a lot of issues about future, the typology of Modernization which Brazil should follow up. The starting point based on a slavery and colonial aristocratic tradition how can we attend of a positivist world base don progress idea? Three authors showed purposes in which there are points of similarity and difference. They are: José Inácio Roquette, Joaquim Nabuco and Couto de Magalhães. They presented different ways and narrations for a Brazil which needed to find its identity. This article aims to focus on their purposes in relation to our Modern World, the construction of our identity as well as to analyse the structure of their narrations: the meaning of Couto de Magalhães's diary of a label book in J.I.Roquette and an autobiography in Joaquim Nabuco.

Correspondence:

Rua Salvador Correa, 139 - Centro
28035-310 - Campos dos Goytacazes - RJ
Phone number: +55 (22) 2726.2727
Fax: +55 (22) 2726.2720
www.isecensa.edu.br
e-mail: isecensa@isecensa.edu.br

Key works:

Roquette, Joaquim Nabuco, Couto de Magalhães, Modernization and narration

Este artigo busca evidenciar o tensionamento entre a tradição lusocolonial e as expectativas de modernização que se apresentavam no Brasil do século XIX. Um leque de questões eram centrais à época. Como ser civilizado? Como a aristocracia deveria se posicionar? Que parâmetros dela deveriam surgir e, subjetivamente, orientar o restante da sociedade? Claro está que questões como as da moralidade ou da individualidade colocavam-se ao lado de muitas outras, no âmbito das decisões políticas e econômicas contra as quais as elites brasileiras se debatiam. Estas questões devem ser analisadas nos quadros de um universo mental mediatizado pelas experiências do colonialismo.

Nesse contexto, surgiram o primeiro grande livro de etiquetas, a primeira grande autobiografia e o primeiro diário íntimo de um homem público do Brasil. Seus autores são membros do clero e da aristocracia: José Inácio Roquette, Joaquim Nabuco e Couto de Magalhães, respectivamente. Diferentes caminhos e narrativas para um Brasil que precisava encontrar sua identidade. A seleção desses textos para análise neste artigo se deu não só pela enorme contribuição destes autores para a formação do pensamento social brasileiro e para a subjetividade daí oriunda, mas também, porque, para elaborar suas obras e estruturar suas narrativas, cada um deles se valeu de um caminho peculiar, o que também será investigado.

A partir do livro *Minha Formação*, de Joaquim Nabuco, sugere-se que o vínculo com uma tradição a um só tempo européia, monárquica e patriarcal, talvez possa, até certo ponto, ser relativizado pelo envolvimento com experiências culturais e políticas brasileiras, como a escravidão e a república, que não se coadunavam de maneira automática com os valores aristocráticos que o autor habitualmente cultivava. As contradições aparentes de seu texto revelam que na redação de sua

autobiografia há uma natureza bastante performática que busca enaltecer os valores em que acredita (a fixidez, a estabilidade, o contínuismo político e a adaptabilidade política – o que sugere a reforma, mas nunca a revolução), sem parecer ser um conservadorismo ortodoxo. Todo risco de fragmentação de suas opções e personalidade é ofuscado pelo seu exercício de retórica impressionante.

O mesmo perigo de uma fragmentação de personalidade parece estar presente no *Diário Íntimo* de autoria de Couto de Magalhães. No entanto, a ênfase que dá ao auto-exame, aos exercícios físicos e espirituais como uma forma de lidar com a melancolia ou doença dos nervos, situam-se como mecanismos capazes de fortalecer a sua própria personalidade e apresentar caminhos para a unificação: corpo e espírito, teoria e ação, fragmentação territorial e construção da nação. Resta sempre a precariedade dos mecanismos capazes de assegurar a elaboração de uma identidade nacional e unificada.

Outra obra aqui analisada é *O Código do Bom Tom*, de José Inácio Roquette, que, na prática, evoca a tradição do século XVII para que a etiqueta venha associada à idéia de valores espirituais. Prega a inovação a partir da tradição; a geração de unidade e exemplo que deve vir da corte e que coincide com a chegada da família real ao Brasil. A virtude aqui aparece entrelaçada com a modéstia, um fundo moralizante, denotando esforço de modernização, necessário a um reino ainda muito fragmentado. A sugestão presente é o caminho da moralização dos hábitos, da disciplinarização das atitudes como meios de promover uma modelagem da aristocracia e, a partir daí, criar referências para a sociedade brasileira.

Vale registrar que a experiência católica predominante no Brasil durante o século XIX estimulava a confissão e não o diário, não a autobiografia, nem mesmo a revelação de intimidades aristocráticas.

O texto de Joaquim Nabuco apresentava-se como uma autobiografia. É um texto muito bem estruturado, dotado de uma personalidade ciente e grata para com seus ancestrais. Revela vínculos obrigatórios com Inglaterra e França – civilizações paradigmáticas para um homem vindo da aristocracia. É uma aposta na tradição: a infância, o pai, Cristo e a Inglaterra. No entanto, apresenta ambigüidades porque revela saudades, um certo prazer do tempo em que se relacionava com os escravos. Os valores republicanos seriam melhor representados pela monarquia porque acreditava que as reformas necessárias para a modernização do país já estavam em curso no contexto monárquico (aboliconismo, distribuição de terras) e porque temia a fragmentação territorial e política que poderia ser trazida com o advento federativo republicano. Havia uma vontade de manter algo de cada experiência:

A escravidão permanecerá por muito tempo como a característica natural do Brasil. Ela espalhou por nossas vastas solidões uma grande suavidade; seu contato foi a primeira forma que recebeu a natureza virgem do país e foi a que ele guardou. Quanto a mim, absorvi-a no leite preto que me amamentou. Entre mim e eles deve ter-se dado uma troca contínua de simpatia. (NABUCO, 1997, p. 129).

O texto de Couto de Magalhães apresentava-se como um diário. Mas este diário, de fato, íntimo, não é organizado pela retórica, não arredonda cada contradição, não é um texto olímpico. É quase dionísíaco porque evoca dores, práticas hipocondríacas, nervosismo, melancolia. Distancia-se da escrita e do estilo de Joaquim Nabuco porque não é um homem público, de retórica e figura impressionante. Tenta apenas manter-se vivo; daí a escrita do diário.

Preocupava-se com o viver diário, sem grandes preocupações com a eternalização de sua personalidade, conforme sugerido no trecho abaixo:

Se uma coisa grande o homem pode fazer neste mundo, é desenvolver seu entendimento de modo a, compreendendo a marcha da natureza, entrar mais depressa no papel final que lhe está reservado por ela; fora disso o que ele faz ou o que faz à humanidade, tudo insignificante, pequeno, nulo, transitório e como dizia Salomão – é pura e simples vaidade. (MAGALHÃES, 1998, p. 242).

Com a chegada da Corte Portuguesa ao Brasil houve uma tensão entre a tradição européia e a tradição anárquica-local oriunda do modelo luso de colonização aqui estabelecido, daí a escrita de José Inácio Roquette: a produção de um “código de bom tom”. Acaba apresentando retratos de condutas existentes na época e como poderiam ser remodeladas. A questão seria não liquidar com a experiência dos “excessos” já existentes, mas trazer novos referenciais para a aristocracia e a população em geral, ainda que dotados de um forte sentimento católico e da busca de virtudes cristãs. Desta forma, aglutina etiqueta e cordialidade, polidez e virtude cristã, conforme apresentado no trecho abaixo:

Sabeis, meus filhos, de onde nascem as maneiras delicadas e polidas, as maneiras que encantam? Duma virtude inerente à natureza humana, duma virtude evangélica sobre todas as outras; da caridade. A verdadeira polidez vem do coração. (ROQUETTE, 1997, p. 63).

O ponto aqui apresentado é que, tanto a autobiografia, vida de um indivíduo escrita performaticamente por ele mesmo, como o diário, obra em que se registram diária ou quase diariamente, acontecimentos e confissões, quanto o código, no qual se estabelece uma coleção de regras e preceitos, todos os três elementos muito traduzem a formação de uma dada subjetividade na sociedade brasileira e produzem impactos particularmente sobre a aristocracia rural escravista, contribuindo, sobremaneira, para pensar os caminhos da construção da unidade nacional.

Cada vez que se estrutura uma narrativa, desenvolve-se ali uma performance e um ritmo; se estabelece uma viagem autoral. A palavra viagem tem sua origem no latim *viaticum* e quer dizer literalmente “pôr-se a caminho, estar na estrada”. Aquele que viaja constrói seu próprio caminho e deve cuidar da via que percorre.

Assim, em todos os autores e obras aqui elencados, as “viagens” executadas em suas diferentes narrativas aparecem como uma experiência de ampliação dos horizontes do pensamento e da existência, uma experiência que pode também colocar em crise a identidade (individual, política e cultural) do viajante através do contato com a alteridade e a diferença. Não se trata de uma viagem interior, mas de uma nomadização das relações com o mundo, que qualquer um, letrado ou iletrado, pode arriscar. São mecanismos de sociabilidade que vão sendo desenhados página por página.

Joaquim Nabuco confessa que sua experiência intelectual teria promovido suas inclinações monárquicas para o modelo constitucional e o fortalecimento de seus vínculos com o império e com o próprio pai. Passa a olhar o mundo “à inglesa”. Apresenta a tradição inglesa como sendo mais flexível, porque propõe a mudança para conservar sempre e faz a defesa do governo de gabinete. O governo de gabinete é parte

eficiente do cerimonial da realeza porque engendra uma certa calma, um espírito tranqüilo. Reproduz-se o sistema sem grandes convulsões. Existe a função cerimonial da coroa e esta “ilusão” constitui vida social. Traça o que, para ele, é o caminho do aperfeiçoamento, da recusa do localismo e da busca do cosmopolitismo. Pressupõe a idéia de política que incorpora valores morais e tem o tamanho do mundo. Quer pensar a monarquia brasileira numa chave mundial, daí a necessidade de viajar para conhecer o mundo, os outros. O caminho por ele traçado pode ser evidenciado no seguinte trecho:

Na mocidade fui um errático, como o imperador acabou na velhice. Quando, porém, entre a pátria, que é o sentimento, e o mundo, que é o pensamento, vi que a imaginação podia quebrar a estreita forma em que estavam a cozer ao sol tropical os meus pequenos debuxos da alma, deixei ir a Europa, a história, a arte, guardando do que é universal a religião, as letras. (NABUCO, 1997, p. 42).

O que está em jogo em *Minha Formação* é uma busca de solidez, de fixidez. Buscar valores estáveis que concedam densidade à sua personalidade. Indo para a Europa, diante do peso da civilização, acreditava ganhar qualidade política e formação interior. O vínculo com a monarquia para deixar de ser uma impressão, precisa do contato com o mundo, requisitando, pois, não a faculdade da visão, mas o seu repouso. É uma experiência mística. O acesso ao repouso seria, para Nabuco, fundamental, porque é por meio dele que se incorpora a sedimentação do novo sem perder o vínculo com a experiência original; produzindo o efeito de um lento carrossel no qual qualquer pessoa possa entrar e, assim, o risco da fragmentação ir

diminuindo. A viagem é uma confirmação, uma espécie de crisma sobre a opção original.

A vida é apresentada por Nabuco como obra de arte, na qual a prática mastiga as idéias, pregando uma maneira de ser e agir, tendo o sacrifício como necessário e este como obra do espírito. Coloca a impressão como gesto de juventude, requisitando a todo tempo o auto-controle, a rigidez de formas e instituições, um padrão, então, neoclássico. Promove o elogio da calma, da adaptabilidade, da possibilidade da mudança sem ruptura; daí o encontro sereno entre Massangana (torrão natal) e Londres, ou dito de outra forma, o encontro entre gigantismo, silêncio e fixidez de espírito.

Couto de Magalhães fora, também, um homem preocupado com o processo civilizador: lidava com estradas de ferro e projetos pedagógicos. Mas incorporava com surpreendente interesse, sua passagem pelos sertões, o contato com a natureza, com a idéia de fronteira, com a cultura indígena. Apresenta-se, pois, como um autor até certo ponto dividido entre as duas perspectivas: a cidade e o sertão. Preocupava-se muito com a saúde do corpo, a prevenção da doença e o controle do sono, buscando entender a erotização de seus sonhos.

Na autobiografia de Joaquim Nabuco, a preocupação acabou não sendo propriamente contar a sua vida e, sim, transmitir ao leitor uma imagem de si próprio, fazer um auto-retrato. Todo retrato é de alguém que incorpora uma dada circunstância; tem uma dimensão empírica. Mas quem olha, vê além do empírico. *Minha Formação*, de forma muito elaborada, estabelece um auto-retrato: alguém que, na maturidade, também quer a eternidade, a solidez.

Já Couto de Magalhães, ao produzir um diário, não pôde valer-se do artifício de escrever à distância; o diário acompanha o cotidiano do autor. Nabuco apresentou uma visão sistemática, acabada de si mesmo.

Couto de Magalhães escreveu ao sabor das horas, dos sucessos e fracassos. Produz, portanto, um relato, uma narrativa e um trabalho muito mais fragmentário do que foi feito em *Minha Formação*. Nabuco dialoga com a tradição cristã e Magalhães dialoga com a tradição helenística. A preocupação que aparece em Couto de Magalhães é viver a melhor forma possível a vida que resta. A obsessão com sua riqueza não é demonstração de preguiça, nem interesse em apenas acumular, mas ter certeza do que já tem e do que pode desfrutar.

Em Nabuco aparecem valores que são maiores que ele e que qualquer ser humano. Ao contrário, em Couto de Magalhães, a virtude serve para garantir o bom sono, para que viva melhor o presente. Não opera no plano da eternidade, como Nabuco o faz. Em certa medida, é a proposição helenística de Horácio que está em jogo: viver da melhor maneira possível, cada dia, como se fosse o último. Trata-se de sofrer apenas o inevitável, buscando o controle, evitando a doença para não tensionar mais os dias. Ninguém vai conseguir tudo na vida; há inevitabilidades, importa caminhar sempre, buscar. Deitar-se hoje para um dia melhor amanhã. Isso não quer dizer que nele não houvesse preocupação com o futuro. É que ele não reduz, não vincula seu cotidiano a um ideal regulatório maior. O futuro é um horizonte de expectativas que estão colocadas presentemente na vida. O futuro seria ampliação; sugeriu mesmo que não se pensasse apenas com a cabeça, mas com o conjunto da existência. Trata-se de experimentar a vida.

Magalhães relata a enorme quantidade de remédios que tomava para fortalecer o espírito para encarar a batalha diária, lutar todo dia contra uma possível melancolia. Comparado a Joaquim Nabuco, é outra idéia de equilíbrio que está em jogo. Magalhães não se tornou um paladino do mercado; a fortuna era algo interessante, mas não como um fim em si mesmo. Tratava-se de pensar

a vida feliz sem impressões, despida de ansiedades. Assim, o argumento mais permanente é um tipo de experiência individual que mantém o bem público como ideal último, mas, antes dele, surge a preocupação com o prazer. Uma existência deve ser prazerosa, mas que não abale o bem público da virtude. Prazer, neste sentido, remete à idéia de tranqüilidade, permitindo uma espécie de trabalho sobre si para não criar práticas egoísticas e, portanto, inimigas públicas.

Não se trata de experimentar diversas coisas a título de prazer porque isso geraria ansiedade e, esta, melancolia. Isto retira o prazer, pecando pelo fausto, pelo excesso. Grande prazer com o mínimo de ansiedade. Aproveitar o dia não significa que isto poderá sê-lo todo dia. Em Nabuco, vê-se o ideal de imortalidade, a conexão com o cristianismo. Em Magalhães as possibilidades ofertadas pela vida, o distanciamento de qualquer auto-modelagem, a conexão com os cétricos, com o mundo helenístico. Tais perspectivas podem ser observadas nos trechos abaixo selecionados:

Mais tarde, como contraste, a nostalgia do nosso passado e a sedução crescente da nossa natureza, o retraimento do mundo e a doçura do lar, os túmulos dos amigos e os berços dos filhos; mas em despedida do criador, espero ainda olhá-la através dos vidros de Epiteto, de puro cristal, sem refração: a admiração e o reconhecimento. (NABUCO, 1997, p. 174).

Ora, o capital dinheiro que possuo hoje dá para muito mais, e portanto o que falta é tempo e não dinheiro. Portanto: o que é que eu devo fazer para tirar melhor partido dos 22 anos que provavelmente me restam a viver? (MAGALHÃES, 1998, p. 57).

Na sociedade colonial brasileira pautada pela escravidão havia pouca mobilidade. Nesse sentido, marcas exteriores da aristocracia e do alto clero convertiam-se em símbolos de status, demonstração de hierarquia e regras de prestígio. Com a chegada da Corte no início do século XIX, desenvolveu-se enormemente uma determinada sensibilidade ritual, cujo resultado, além de uma regulamentação de influências, era o controle dos sentimentos, banhando a ex-colônia, então Reino Unido, de civilização. O comportamento nobre, cortês, passou a ser comparado aos modos do camponês, rudes. A postura oposta à deste último era a recomendada a adultos e crianças. Havia uma grande angústia no ar: como conciliar a herança lusocolonial com os novos tempos? Na busca de respostas a esta questão compreende-se a produção da obra de J. I. Roquette e a vocação conciliatória que apresentava: tradição e modernidade. Neste sentido, a idéia de um processo civilizatório proposto por J. I. Roquette não estava tão distante de Joaquim Nabuco.

A obra de Roquette se insere no contexto produzido a partir de finais do século XVIII mas, sobretudo, nos séculos XIX e XX, quando um novo gênero literário, dedicado às boas maneiras e aos bons comportamentos tomou força. Com maior alfabetização e o crescimento da indústria editorial tornou-se popular uma série de receituários cujo propósito final era estabelecer regras e modelos de sociabilidade.

Concebidos como guias, os manuais possuíam uma estrutura original que privilegiava a leitura rápida e objetiva. A consulta era fácil e podia-se ir direto ao tema selecionado, sem precisar passar, obrigatoriamente, pelos demais. Cumpriam funções específicas: criar uma civilização, impor modelos de etiqueta a sociedades carentes deste tipo de escola. O código é, desta maneira, assim como os demais livros

do gênero, obra que propõe o mais absoluto controle das emoções e dos sentimentos e, ainda, regula as propriedades de cada sexo.

Longe do mundo isolado do campo, na Corte carioca dos anos 1860, os horários passaram a ser pautados por festas, rituais e passeios. Neste contexto, os guias transformavam-se em bíblias (escondidas, certamente) e transformavam a artificialidade em naturalidade mal disfarçada. Em verdade não se presenteava ninguém com esse tipo de obra, a não ser que se quisesse ofender ou acusar de reduzida civilização aquele que a receberia.

O texto de Roquette propõe que a verdadeira polidez vem do coração: ser útil, agradável aos outros. Há um ideal de sacrifício associado à solidariedade. As regras de etiqueta têm que ser compatíveis com as virtudes do coração. Deve-se observar as regras, mas com um olhar cristão, com preocupação ética de combater o excesso de amor próprio. Chama a atenção para o fato de que a vida na Corte pode se tornar um perigo, um vício, porque pessoas já não sabem viver em outra parte. Na Corte só se é feliz obedecendo; é o império do soberano. Desaconselha esse tipo de sociabilidade. Ele redefine o espaço em que essas regras de Corte devem ser cultivadas – o conjunto das famílias aristocráticas. A aristocracia deve ter um poder difuso para aplicar regras de etiqueta. Mérito aqui não é carreira aberta pelo talento; é conduta, é comportar-se como nobre. A obra cumpre o papel de aconselhamento, conforme sugerido no trecho abaixo:

Logo que o dono da casa fez a sua escolha, o cavalheiro mais distinto oferece o braço à senhora da casa; os outros convidados vão-no todos imitando, oferecendo o braço a senhoras que lhes sejam mui superiores em hierarquia. (ROQUETE, 1997, p. 54).

A etiqueta vai arredondando as relações e vai criando a idéia de um círculo. Ser aristocrata é pertencer a um círculo. O aristocrata deve obrigações e isso não é constrangedor; gera alianças. Indica que não se deve ostentar relações. Deve-se esforçar para guardá-las cuidadosamente. Sugere adaptação – o que o aproxima de Nabuco. Sugere a não autenticidade – o que o afasta de Couto de Magalhães. Nega o excesso performático do amor próprio – o que o distancia de Nabuco. O aristocrata deveria reconhecer as diferenças e criar relações.

O processo de civilização no século XIX não representou uma gélida interpretação cortesã. Levava em consideração um conjunto de valores ético-morais na formação de uma subjetividade. *O Código do Bom Tom* não é modelo, pois a implantação da civilidade não se faria de maneira tão formal, estilizada. Em parte cristã, a Corte conviveu com a idéia de que teria que adaptar-se à realidade que havia, e adaptou-se.

A possibilidade de integrar narrativas, e a análise das propostas nelas contidas, permitem relacionar mais intimamente os acontecimentos locais às mudanças estruturais ocorridas na sociedade brasileira ao longo do século XIX, e à construção de sua identidade. Em princípio, um diário, uma autobiografia e um livro de etiqueta não guardam identidade entre si porque possuem narrativas diferentes. No entanto, observando o contexto em que estas obras foram produzidas e o interacionismo social dos temas que abordam, detectam-se vínculos, relações, conforme sugerido por Waizbord:

As coisas são, com um prazer incansável no pensamento, viradas e reviradas, postas em novas relações e novamente em outras relações como um caleidoscópio, até que, mesmo no insignificante, a fonte última se esgote nas

elucidações mais profundas.
(WAIZBORT, 2000, p. 26).

Todos esses aspectos sutis que perpassam a leitura do diário, do código e da autobiografia em questão colaboram para torná-las obras ainda mais valiosas. Além de consistir em documentos originais no panorama da historiografia brasileira, as anotações, relatos e observações dos autores apresentados expressam um emaranhado íntimo de sentimentos, pulsões e

pensamentos que refletem, de maneira bastante arguta, alguns dos desafios com os quais se defrontaram as elites do Império brasileiro em face do advento da modernidade, com seu corolário de inquietações e angústias, até agora considerados exclusivos das classes médias dos países centrais. Exemplificam, acima de tudo, a tensão das elites brasileiras que, com base na vivência da realidade colonial, tinham que enfrentar as pressões de um mundo em rápida transformação.

Referências

- ELIAS, N. *O processo civilizador*. RJ: Zahar, 1993.
MAGALHÃES, J. V. C. *Diário íntimo*. SP: Cia das Letras, 1998.
NABUCO, J. *Minha Formação*. RJ: Ediouro, 1997.
ROQUETTE, J. I. *Código do Bom Tom*. SP: Cia das Letras, 1997.
TELES, G. *Vanguarda européia e modernismo brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1995.
WAIZBORT, L. *As aventuras de George Simmel*. SP: Ed. 34, 2000.